

Resumo expandido do projeto de pós-doutorado no Departamento de Filosofia da
UFSCar

Projeto: Da crítica do totalitarismo à redescoberta do liberalismo: uma investigação sobre os usos teóricos e políticos da tradição liberal pela escola francesa do político

Pesquisador: Dr. Felipe Freller

Supervisor: Dr. Luiz Damon Santos Moutinho

Processo FAPESP nº 2021/03135-0

A filosofia política francesa contemporânea é fortemente impactada pelas críticas do totalitarismo formuladas na década de 1970, as quais têm por marco simbólico os debates suscitados pela publicação da tradução francesa de *Arquipélago Gulag*, de Aleksandr Soljenítsyn, em 1974. No ambiente intelectual marcado por essa temática, François Furet lidera, a partir do final daquela década, um grupo de estudos na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* que reúne, entre outros, Claude Lefort, Cornelius Castoriadis, Marcel Gauchet, Pierre Rosanvallon e Pierre Manent. Designada por Christian Lynch de “escola francesa do político”¹, essa constelação intelectual é responsável por retomar os estudos sobre o liberalismo político, retirando do esquecimento clássicos como Benjamin Constant, François Guizot e Alexis de Tocqueville.

O objetivo deste projeto de pesquisa é problematizar os usos teóricos e políticos da tradição liberal por esses autores reunidos no *Institut Raymond Aron*, buscando adicionar complexidade ao relato usual de uma passagem do marxismo ao liberalismo suscitada pela crítica do totalitarismo. O ponto de partida consiste em compreender as inovações na conceituação do totalitarismo promovidas por esse grupo intelectual – inovações estas que fazem do totalitarismo não apenas um regime político autocrático presente na Alemanha ou na União Soviética dos anos 1930-40, mas uma versão

¹ LYNCH, Christian Edward Cyril. A democracia como problema: Pierre Rosanvallon e a escola francesa do político. In: ROSANVALLON, Pierre. *Por uma história do político*. São Paulo: Alameda, 2010.

pervertida do próprio projeto moderno de emancipação. Nessa versão perversa do projeto moderno, a emancipação é buscada em uma sociedade harmônica e transparente em relação a si mesma, a qual nega a divisão social e a dimensão do político e do poder. Uma vez compreendida essa interpretação do totalitarismo pela “escola francesa do político”, a pergunta que orienta este projeto de pesquisa é a seguinte: de que maneira essa crítica específica do totalitarismo informa os novos estudos sobre o liberalismo?

Nossa hipótese é que um primeiro uso do liberalismo por esse grupo intelectual consiste em expandir a crítica do totalitarismo, de modo a fazê-la abranger também a tradição liberal, entendida como a ideologia central do mundo moderno. Já sugerida por Lefort² e Gauchet³, a tese de um germe totalitário presente na ideologia burguesa de negação do conflito social é desenvolvida de modo mais sistemático por Rosanvallon, em seu trabalho *Le capitalisme utopique: Critique de l'idéologie économique*, publicado em 1979.⁴ Com efeito, ao defender que o liberalismo econômico clássico traduz “a aspiração pelo advento de uma sociedade civil imediata a si mesma, autorregulada”⁵, suprimindo a dimensão do político e do conflito, Rosanvallon faz de Adam Smith o ancestral de uma tradição mais vasta do “liberalismo utópico”, presente em liberais progressistas do final do século XVIII que sonhavam com o desaparecimento do Estado e da política, como Thomas Paine e William Godwin. “É esse liberalismo utópico que me parece perigoso, é a partir dele que se deve compreender a possível reversão da democracia em totalitarismo”.⁶

Por outro lado, este projeto de pesquisa visa a compreender até que ponto os autores da “escola francesa do político” consideram o liberalismo político um bom ponto de partida para interrogar criticamente a modernidade, fornecendo aportes para a crítica do totalitarismo e a boa teorização da democracia. Assim, os novos estudos sobre Constant, Guizot e Tocqueville apontam afastamentos do liberalismo político francês do século XIX em relação a esse “liberalismo utópico” denunciado por Rosanvallon. Em contraste com o “liberalismo utópico”, esses liberais do século XIX não suprimiriam a dimensão do político. Pelo contrário, teriam colocado uma ênfase particular nessa

² LEFORT, Claude. *A invenção democrática: Os limites da dominação totalitária*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 90.

³ GAUCHET, Marcel. *La condition politique*. Paris: Gallimard, 2005, p. 441-444.

⁴ Em 1989, o livro é republicado com o título *Le libéralisme économique: Histoire de l'idée de marché*. Em 1999, a terceira edição mescla os dois títulos: *Le capitalisme utopique: Histoire de l'idée de marché*.

⁵ ROSANVALLON, Pierre. *Le capitalisme utopique: Histoire de l'idée de marché*. Paris: Éditions du Seuil, 1999, p. II.

⁶ *Ibid.*, p. 159.

dimensão da vida social, oferecendo uma alternativa ao apagamento do político pela tradição marxista dominante na intelectualidade francesa até os anos 1970. Ao mesmo tempo, é preciso estar atento para o fato de que categorias oriundas da crítica do totalitarismo continuam sendo mobilizadas pelos pesquisadores do *Institut Raymond Aron* para criticar os liberais do século XIX.

As contribuições esperadas da pesquisa são de duas ordens. Por um lado, esperamos suprir a lacuna de uma linhagem do pensamento político contemporâneo ainda pouco estudada no Brasil (com exceção da figura de Lefort), buscando superar os relatos puramente ideológicos sobre a formação dessa corrente de pensamento. Por outro lado, temos o objetivo de problematizar os legados contraditórios da tradição liberal na teoria política contemporânea, suscitando uma reflexão metateórica sobre os sentidos da mobilização intelectual de autores clássicos na contemporaneidade.